

# RELAÇÕES HUMANAS: RIZOMAS PARA ALTERIDADE EM CONTEXTOS DE CONTEMPORANEIDADE

Cristiane Elisabeth Cupchinski\*

Paulino Eidt\*\*

## RESUMO

Neste artigo teve-se por objetivo tecer reflexões acerca do ser humano e das imbricadas relações que se estabelecem ao longo de sua existência. Em um primeiro momento, destaca-se a pertinência da questão: o que nos faz humanos? Para a compreensão dessa indagação, buscou-se pesquisar autores como Maturana (2001), Maturana e Varela (1997), Assmann (2000), Capra (2008) e Strieder (2004). Em um segundo momento se faz um resgate da história da humanidade, que ao se constituir foi/é imbuída em um certo modo de conceber a própria vida. As reflexões se pautam em Morin (2007), Capra (2008), Descartes (2002), Nietzsche (1985, 2013) e Lévinas (2004). A produção ainda se constitui uma reflexão sobre a possibilidade de criar rizomas para a alteridade em tempos de contemporaneidade. Especificamente no campo da educação, no artigo remete-se ao modo de viver humano mediante a experiência estética na perspectiva da alteridade. As análises são a partir de Arendt (2014), Hermann (2010) e Assmann (2000), que amparam bibliograficamente esse pensamento.

Palavras-chave: Relações humanas. Linguagem. Alteridade. Educação. Contemporaneidade.

## 1 INTRODUÇÃO

Diante dos desafios em que a humanidade navega nos tempos atuais, como a fragmentação da própria vida, percebe-se a necessidade de reflexão profunda quanto à compreensão do que nos torna humanos, pois somos pertencentes a uma diversidade infinita, a uma espécie cuja evolução e constituição modificaram-se no decorrer dos tempos, a partir da necessidade de um do outro à convivência. Mas, o que nos torna humanos? O que permite a estruturação biológica do humano é o cuidado. Ao nascer, o ser humano tem a necessidade do outro para sobreviver, e, no decorrer da rede de relações que estabelece, aflora o modo subjetivo de cada ser dentro do predomínio social em que convive. Pode-se dizer que somos a espécie mais evoluída, com aptidões cerebrais capazes de dominar os outros animais e a própria natureza, porém, perante o contexto vivenciado atualmente, com desentendimentos de ideias e ideais, priorizando o Ter e não o Ser, tornamo-nos incapazes de reconhecer que uma boa convivência humana requer o domínio de nossas condutas.

A manifestação comportamental humana somente é possível pelo meio social em que se convive, o que possibilita um jeito de viver e de se relacionar. Imbuídos pelo *linguajar*<sup>1</sup> os seres humanos manifestam seu mundo interior de ideias e sentimentos, e, neste, a linguagem expressa na oralidade desencadeia uma rede de conversação.

Visando compreender os aspectos que alvoreceram no modo de viver humano entre os tempos, fez-se um breve resgate do modo de viver que predominou na humanidade desde as sociedades arcaicas, com os dogmatismos que imbuíram o ser humano, o cartesianismo que preconizou o dualismo do modo de pensar dos seres humanos e o tempo contemporâneo, no qual se faz necessária uma abertura de pensamento capaz de fazer surgir um espaço dialógico.

Na perspectiva de possibilidade de diálogo torna-se relevante compreender o eu e o outro, seres que se constituem na linguagem, mas, por vezes, nega-se a reconhecer o outro como legítimo outro, pois este causa a revelação de si mesmo. Assim, isso remete a refletir se há a possibilidade para a diversidade de humanos viver com mais aceitação de si e do outro.

Para compreender a perspectiva da alteridade, resgataram-se da Filosofia pensamentos filosóficos que exigem reflexão. Filósofos e sociólogos contemporâneos permitem uma visão integral do ser humano, indissociável do mundo que o rodeia, integrado à própria vida e como dependente e responsável por ela. Lança-se esses pensamentos ao campo

\* Graduada em Pedagogia pela Universidade do Oeste de Santa Catarina de Joaçaba; mestranda em Educação pela Universidade do Oeste de Santa Catarina de Joaçaba; Professora de Educação Infantil de Tunápolis, SC; cristiane\_cupchinski@yahoo.com.br

\*\* Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Professor Titular na Universidade do Oeste de Santa Catarina; paulino.eidt@unoesc.edu.br

da educação, que é um dos espaços de relações e convivência humanas e que urge pela necessidade de repensar como se faz educação para poder dar abertura às perspectivas pedagógicas suficientemente capazes de reconhecer o outro que chega nos espaços escolares para a construção de seus conceitos e de sua própria maneira de se relacionar.

Configurado com as relações humanas, conferiu-se caráter necessário a pensar a experiência de ética e estética sobre o humano. Reconhece-se ser possível, por intermédio da estética, tornar acessível ao diferente e reconstruir a sua própria compreensão, abrindo-se à alteridade, pondo-se em jogo.

## 2 O QUE NO TORNA HUMANOS?

A dinâmica de relações humanas que formam o contexto social e cultural no qual somos inseridos é ponto-chave para reflexões acerca do que nos torna humanos e do que nos desumaniza.

A unicidade do ser humano reside na nossa capacidade para tecer continuamente a rede linguística na qual estamos embutidos. Ser humano é existir na linguagem. Na linguagem, coordenamos nosso comportamento, e juntos, na linguagem, criamos o nosso mundo. “O mundo que todos veem”, escrevem Maturana e Varela, “não é o mundo, mas um mundo, que nós criamos com os outros”. Esse mundo humano inclui fundamentalmente o nosso mundo interior de pensamentos abstratos, de conceitos, de símbolos, de representações mentais e de autopercepção. Ser humano é ser dotado de consciência reflexiva: “Na medida em que sabemos como sabemos, criamos a nós mesmos”. (CAPRA, 2008, p. 227, grifo do autor).

A proliferação da espécie humana somente foi possível pela colaboração, fundamentando as ações pela linguagem e afetividade que expressa o mundo interior de ideias e conceitos. Pela linguagem e pela emoção definem-se as condutas de um ser humano. “Porque palavras doces mudam nossos hormônios, mudam nossa fisiologia, ou seja, nós nos acariciamos com palavras.” (MATURANA, 2001, p. 94). Diante disso, nota-se que as palavras expressas no linguajar têm grande poder sobre o humano, conduzindo a comportamentos doces, afetuosos ou movendo ao conflito, à fúria; depende de como e o que é dito. Essa é a trama das relações humanas.

Aborda-se o linguajar como fator relevante às reflexões a serem tecidas na explanação de relações humanas, pois somos um mundo em que vivemos e convivemos, é com o outro que nos comunicamos, interagimos, atribuímos significado a nossa existência e a nossos atos. “Sem o fenômeno evolutivo chamado neotenia, a nossa espécie jamais teria evoluído para seu complexíssimo potencial cerebral e linguístico-cultural.” (ASSMANN, 2000, p. 313). Portanto, a evolução humana preconizada pela fragilidade e necessidade de cuidados desencadeou-se à convivência.

O conviver consiste em aceitar o outro na sua singularidade e na sua diferença. Em todos os períodos históricos houve ações de negar, excluir e não aceitar o diferente. De qualquer forma, deve-se considerar que a diversidade pode enriquecer as relações e ampliar o sentido de compreensão e acolhimento. É notório que tudo o que nos rodeia influencia nas nossas concepções de vida. Nesse entendimento podemos colaborar na construção de *Ethos* predispostos à alteridade ou à ausência dela.

A constituição do ser humano ocorreu por meio do processo histórico, vinculado à relação dos seres com seu entorno, em um rol de atividades que possibilitou aprender e transmitir conhecimentos aos seus descendentes. O linguajar surge como uma circunstância das ações humanas, que ao se comunicarem combinam suas ações e se fazem compreender, o que Maturana (2001) chama de coordenações consensuais, ou seja, há reciprocidade de entendimento e compreensão ao estabelecer uma ação que induz à comunicação. Dessa forma, a linguagem acontece na convivência de seres que participam de uma determinada rotina, compartilhando momentos os quais explicitam a necessidade um do outro, originando a linguagem oral.

Percebe-se, assim, que a espécie humana se identifica pelos aspectos biológicos, sendo genericamente constituída da mesma anatomia, fruindo de uma identidade comum a todos, tendo traços fundamentais que a classificam, mas as perspectivas particulares determinam cada ser como único entre tantos múltiplos. O contexto da evolução biológica humana nos conduz ao entendimento de que nascemos com a anatomia fisiológica humana, mas isso não nos torna humanos. A humanidade emerge do ato de viver e conviver de forma humana, como seres que possibilitam uma rede de

compreensões e interações a partir da linguagem. Pode-se contextualizar esse fato no capítulo denominado Domínios comportamentais do livro *A árvore do conhecimento*.

[...] como mostra o caso dramático das duas meninas indianas de uma aldeia bengali do norte da Índia. Em 1922, elas foram resgatadas (ou arrancadas) de uma família de lobos que as haviam criado em completo isolamento de todo contato humano. Uma das meninas tinha oito anos e a outra cinco. A menor morreu pouco depois de encontrada e a maior sobreviveu cerca de dez anos, juntamente com outros órfãos com as quais foi criada. Ao serem achadas, as meninas não sabiam caminhar sobre os pés e se moviam rapidamente de quatro. Só queriam comer carne crua e tinham hábitos noturnos. Recusavam o contato humano e preferiam a companhia de cães ou lobos. Ao serem resgatadas, estavam perfeitamente sadias e não apresentavam nenhum sintoma de debilidade mental ou idiotia por desnutrição. Sua separação da família lupina produziu nelas uma profunda depressão, que as levou à beira da morte, e uma realmente faleceu. A menina que sobreviveu dez anos acabou mudando seus hábitos alimentares e ciclos de vida e aprendeu a andar sobre os dois pés, embora sempre recorresse à corrida de quatro em situações urgentes. Nunca chegou propriamente a falar, embora usasse algumas palavras. A família do missionário anglicano que a resgatou e cuidou dela bem como outras pessoas que a conheceram com alguma intimidade, jamais a sentiram como verdadeiramente humana. (MATURANA; VARELA, 2002, p. 145-146).

Nessa vertente, constata-se o quanto o ambiente e as interações relacionais possibilitam um viver humano ou não. Nossa conduta de comportamento é algo que construímos no viver cotidiano; ela nos faz e nós a fazemos. Estamos em constante interação com o meio em que vivemos e com outros indivíduos; estamos sendo constituídos e constituindo os seres humanos que chegam a esse mundo compartilhado por nós, em um processo contínuo. “Na infância, a criança vive o mundo em que se funda sua possibilidade de converter-se num ser capaz de aceitar e respeitar o outro a partir da aceitação e do respeito de si mesma.” (MATURANA, 2001, p. 29). Assim, cabe reforçar que se somos constituídos na recorrente relação com o outro, como podemos possibilitar aos seres que chegam a esse mundo conviverem com respeito e autoaceitação?

Para compreender essa questão, é preciso mergulhar no entendimento de nossas dimensões humanas, pois apenas a compreensão de nossos atos implicará uma mudança de postura capaz de conceber novas maneiras de conduzirmos nossa vida cotidiana para amparar os novos humanos de forma integral, ou seja, seres capazes de se reconhecerem, aceitarem-se, melhorarem-se e compreenderem-se:

Sem aceitação e respeito por si mesmo não se pode aceitar e respeitar o outro, e sem aceitar o outro como legítimo outro na convivência, não há fenômeno social. Além disso, uma criança que não se aceita e não se respeita não tem espaço de reflexão, porque está na contínua negação de si mesma e na busca ansiosa do que não é e nem pode ser. (MATURANA, 2001, p. 31).

Dessa forma, não há como negar a condição humana por necessidade de sobrevivência e pelas relações que se desenvolvem nesse contexto. A manifestação comportamental humana aflora-se na linguagem, na interação dos seres humanos com a realidade/ambiente, no seu desenvolver biológico e cultural, que ocorre essencialmente na convivência com outros seres. A abertura e a necessidade da convivência consistem em uma gama de aceitação, exclusão, em um círculo sem fim de encontros e desencontros, que regem a política humana; portanto, compreender que somos parte desse processo exige compreender o ser humano.

O comportamento humano é determinado pelo meio em que se está inserido e pelo jeito próprio de agir nesse contexto. Nessa acepção, o ser humano é racional, capaz de conhecer, porém não é capaz de conduzir suas emoções que são oscilantes, sapiens e demens, que dinamizam o jeito próprio de cada um viver no e o seu mundo.

O ser humano se proliferou a partir da profunda fecundidade de relações estabelecidas no ato de cuidar uns dos outros. A dimensão do cuidado é a maneira na qual o humano se estrutura, realiza-se no mundo e relaciona-se com as demais coisas do mundo, em uma necessidade de solidariedade uns com os outros. Porém, à medida que os seres se relacionam e evoluem, as divergências das singularidades se exalam, tornando os seres humanos individualistas. Nascermos envoltos em ternura, aconchego, mas intrincados à competição e ao egocentrismo do próprio Ethos que nos leva

ao conflito na disputa, na negação do outro; incluímos e excluímos uns aos outros, apresentando novas interfaces de relacionamento humano, as quais mutilam a nossa condição humana.

No contexto anti-solidário em que nos encontramos, inundado por competições de toda ordem, destruidores da vida, talvez seja mais saudável conceber a competição como geradora de cegueira e de morte. Negar ao outro o domínio de sua existência é, além de reduzir as circunstâncias da cooperação e da coexistência, um significativo redutor de criatividade. Com isso, perde a humanidade como um todo, por aceitar a capacidade criativa de um enorme contingente de indivíduos. É preciso verificar, se a história da filogenética não é muito mais uma história de cooperação, entrelaçada e de aceitação mútua, para podermos reaprender – e isso parece além de necessário, urgente – a lição da sensibilidade solidária. (STRIEDER, 2004, p. 314).

No período pós-moderno urge a necessidade de perceber que se precisa orientar a vida a partir de novos valores, os quais não sejam os já consagrados culturalmente e dados como prontos e definitivos; os atos de dialogar e de refletir sobre o que se diz e se ouve se tornam primordialmente necessários.

### 3 ENTRE OS TEMPOS: A HISTÓRIA DA HUMANIDADE

A história da humanidade provocou momentos de ser e estar no mundo, ora de mais tolerância e ora de intolerância. Analisando o contexto das sociedades arcaicas, percebe-se que no período de estruturas lógicas informais se viveu um sistema fechado, no qual o dogmatismo comanda o viver do ser humano, que é enclausurado em uma mesma perspectiva de crenças e pensamentos preestabelecidos, nesse caso, a religião, os mitos e as crenças são o que comanda as ações do ser humano configurado àquilo que se refere à vida humana.

[...] os deuses e as idéias surgiram como ectoplasmas coletivos a partir dos espíritos humanos e tornaram-se entidades dotadas de vida e de individualidade, alimentadas pela comunidade de fiéis. Retroagindo sobre os espíritos, sem os quais nada seriam, eles tornam-se tudo. (MORIN, 2007, p. 278).

Vivendo sob o dogmatismo, em que toda a formação cultural se volta a uma crença, a ciência moderna se desvincula da fé e caminha a uma ciência de experimentação, que foi o que caracterizou a Revolução Científica do século XVII. Adentra-se na lógica formal, caracterizando a ideia do ser humano como ser racional.

Nos séculos XVI e XVII, a visão de mundo medieval, baseada na filosofia aristotélica e na teologia cristã, mudou radicalmente. A noção de um universo orgânico, vivo e espiritual foi substituída pela noção do mundo como uma máquina, e a máquina do mundo tornou-se a metáfora dominante da era moderna. Essa mudança radical foi realizada pelas novas descobertas em física, astronomia e matemática, conhecidas como Revolução Científica e associadas aos nomes de Copérnico, Galileu, Descartes, Bacon e Newton. (CAPRA, 2008, p. 34).

A expressão que marcou essa época e sua concepção foi a frase de Descartes (2002, p. 102) “Penso, logo existo”. Assim, o mundo passa a ser visto como uma máquina, o processo da ciência moderna passa a determinar que o cartesianismo com suas verdades absolutas e indiscutíveis, sendo instrumentalista e mecanicista, foi o grande causador das rupturas e fragmentações quando se mostrava necessário atribuir sentido racional e intelectual a tudo em separado. Esse pensamento disseminou-se na humanidade, causando a ruptura do próprio humano e da natureza, dividindo o ser humano em partes, como uma máquina, que para ser “montada” ou estudada, decompõe-se em partes separadas.

René Descartes criou o método do pensamento analítico, que consiste em quebrar fenômenos complexos em pedaços a fim de compreender o comportamento do todo a partir das propriedades das suas partes. Descartes baseou sua concepção da natureza na divisão fundamental de dois domínios independentes e separados – o da mente e o da matéria. O universo material, incluindo os organismos vivos, era uma máquina para Descartes, e poderia, em princípio, ser entendido completamente analisando-o em termos de suas menores partes. (CAPRA, 2008, p. 34-35).

Em decorrência dessa visão de mundo e do próprio ser humano, o niilismo torna-se uma nova forma de compreensão do mundo, porém, como experiência do nada e ao mesmo tempo desse nada, alcançando-se uma nova perspectiva de construção de um novo humano. Uma forte aliada a atender aos anseios da humanidade sempre foi a Filosofia, desde os primórdios da humanidade. As teorias do filósofo Nietzsche, na modernidade, lançam a ideia da indispensabilidade de pertencer ao tempo vivido, desconectando-se e dissociando-se de verdades absolutas impostas. Assim, Nietzsche preconizava que não se considera um ser humano puramente racional, inseparável do seu pulsar emocional, é preciso considerar o todo, como espírito de criança, capaz de criar e recriar.

A criança é a inocência, e o esquecimento, um novo começar, um brinquedo, uma roda que gira sobre si, um movimento, uma santa afirmação. Sim; para o jogo da criação, meus irmãos, é necessária uma santa afirmação: o espírito quer agora a sua vontade, o que perdeu o mundo quer conseguir o seu mundo. (NIETZSCHE, 1985, p. 21).

Nietzsche viveu no século XVIII e faleceu no início do século XIX; já estamos no século XXI, no terceiro milênio, e ainda buscando compreender todo esse processo de transformação e compreensão da humanidade, no qual os seres humanos entranhados pela luta de sobrevivência esquecem de refletir, de se autocompreender, o que demonstra o quanto os conceitos desse filósofo são atemporais. No seu tempo e hoje as verdades sempre são relativas e não absolutas. Sua proposta/aposta é a inversão dos valores e da dissolução do pensamento dualista para o aparecimento do espírito livre, que será capaz de realizar a transvaloração de todos os valores.

Seus pensamentos embasam uma reflexão transformadora na capacidade que joga ao ser humano escolher se continua alienado às doutrinas impostas como verdades absolutas ou se é capaz de criar sua própria consciência. “Nós, que somos homens do conhecimento, não conhecemos a nós próprios; somos de nós mesmos desconhecidos e não sem ter motivo. Nunca nós nos procuramos: como poderia, então que nos encontrássemos algum dia?” (NIETZSCHE, 2013, p. 1).

Espírito livre, faz-se urgente sê-lo. Em nosso tempo que denominamos contemporâneo, faz-se necessário quebrar os dualismos aceitos pela humanidade, a qual rege a separação do sujeito do objeto, humano da natureza, bem e mal, mau e bom. Para tanto, é relevante sermos “eternas crianças”, que dispostas e movidas pela curiosidade vão em busca de suprir suas necessidades e desvendar o mundo.

Nessa linha de pensamento se faz necessário atender à convocação do pássaro, símbolo no livro *Entre nós, Ensaios sobre a alteridade*, no qual Lévinas (2004) fala sobre a necessidade de sermos inatuais, capazes de novos atos. Desafia a pensar para além daquilo que se pensa. Ser capazes de não aceitar as transcendências, de refletir sobre as transcendências que culturalmente foram impostas, e ser capazes de formar, construir a própria consciência, potencializada, capaz de compreender e atribuir novos significados diante daquilo que se vivencia. O autor instiga a voltar a dizer e desdizer o dito, assumir a responsabilidade de manter práticas relacionais sociais não por ser cobrado pela ética, mas de compô-la em um modo de viver.

A preocupação da filosofia contemporânea em libertar o homem das categorias adaptadas unicamente às coisas não deve, pois, contentar-se em opor ao estático, ao inerte, ao determinado das coisas, o dinamismo, a duração, a transcendência ou a liberdade – como a essência do homem. Não se trata tanto de opor uma essência a outra, de dizer o que é a natureza humana. Trata-se, antes de tudo, de encontrar para ele o lugar por onde o homem cessa de nos concernir a partir do horizonte do ser, isto é, de se oferecer aos nossos poderes. O ente como tal (e não como encarnação do ser universal) só pode ser uma relação em que o invocamos. O ente é o homem, e é enquanto próximo que o homem é acessível. Enquanto rosto. (LÉVINAS, 2004, p. 30).

A filosofia levinasiana reverbera da perspectiva do outro enquanto rosto, elemento concreto, que engaja as relações humanas com reponsabilidade ética, sem que esta seja forçadamente estabelecida para harmonizar convivências, mas seja sentida como resgate e respeito ao outro e a si. “É sempre a partir do rosto, da responsabilidade por outrem, que aparece a justiça, que comporta julgamento e comparação daquilo que, em princípio, é incomparável, pois cada ser é único; todo outrem é único.” (LÉVINAS, 2004, p. 144). Do ponto de vista levinasiano, a ética é uma invocação ao direito intersubjetivo do outro, uma totalidade sem precedentes preestabelecidos; o que sobra do encontro do eu com o

outro? “Constituir a ética como filosofia primeira sobre a relação absoluta da alteridade.” (LÉVINAS, 2004, p. 13). Essa experiência afasta o rosto enquanto modo de expressão e conhecimento e instaura uma nova valoração, na qual a ética é sua filosofia primeira, não julgando, regrado, formando, mas deixando ser.

O tema da intersubjetividade é extremamente urgente frente ao drama da solidão dos homens, frente à tragédia cotidiana da guerra e da violência e frente à necessidade iniludível da construção da paz sobre os alicerces da justiça como responsabilidade de cada um. A idéia do indivíduo que se ergue imperiosamente, se emancipa e confere sentido subjetivo, fundamento auto fundador, tal idéia tornou-se precária. É preciso repensar a razão, a intersubjetividade e, nesta, a alteridade. (LÉVINAS, 2004, p. 10).

Nessa vertente, o encontro do eu com o outro deslumbra responsabilidade de um pelo outro e gera um ato generoso que impulsiona a reconhecer o outro enquanto outro na relação, gerando respeito e aceitação. O que é gerado desse encontro são intersubjetividades autoconstituídas, não regradas, nem geradas, mas autoconstituídas. A proposta filosófica de Lévinas vem ao encontro de uma nova concepção de vida humana, capaz de propiciar o fortalecimento do respeito mútuo. A intersubjetividade está condicionada ao contexto não somente pelo inserimento inevitável no fluxo das relações e dos acontecimentos, mas essencialmente porque precede e predetermina o próprio sujeito na estrutura (LÉVINAS, 2004, p. 14). Consoante o pensamento filosófico, constata-se na metafísica uma essência convergente, “Na intersubjetividade, produz-se convivência. A possibilidade de compreensão permite reconhecer o outro como outro sujeito e senti-lo, eventualmente, no amor como alterego, outro si mesmo.” (MORIN, 2007, p. 78).

Entende-se, assim, alteridade como possibilidade para constituir seres mais humanos. Desde a educação infantil, ela proporciona entender aspectos do viver humano e sua relação com a sociedade, um ser humano em construção, constituído de maneira histórica e social por meio de relações que estabelece com os outros na sociedade. O ser humano é fecundo, o ser humano é fértil; nessa perspectiva, a alteridade rompe o contexto e o contexto coloca o ser como personagem; na alteridade o ser passa a ser autor. Seguindo essa linha de pensamento, cabe refletir: o que podemos fazer, no campo da educação, para dar condições à fecundidade do humano, especialmente desde a terna infância?

A infância é a fase das descobertas, das aventuras; para descobrir as coisas é preciso palpar, pegar, cheirar, experimentar, vivenciar, duvidar. Porém, com o passar dos anos, vai se perdendo esse entusiasmo pelas descobertas, vai se formando, moldando-se aos adultos, regrados, com sonho de pureza, com as coisas no seu devido lugar, estáveis. Compor esse mesmo pensamento aos modos como educamos nossas crianças, regrado-lhes a tal ponto em que tudo precisa ser ao modo dos adultos, percebe-se quanto se peca ao se estabelecerem limites que não contribuem para a constituição de seres reflexivos e providos de autoformação.

Geralmente fala-se que as crianças são futuro, esperança, sonho de mudança, porém, é esquecido que enquanto se criam expectativas sobre esses seres puros e inocentes não se dispensa a devida atenção ao fato de que eles estão se constituindo dia a dia, envoltos por determinada cultura. Cria-se uma consciência de expectativas futuras e se esquece o agora, que são os atos cotidianos nos quais as crianças crescem que vão constituindo sua consciência.

Os recém-chegados adentram em um conjunto de tradições históricas predeterminadas e preexistentes; hoje se pode ter uma compreensão de como ocorreu o desenvolvimento da humanidade com o passar dos séculos mediante estudos e reflexões, que permitem enxergar como foi o viver dos povos em tempos remotos. As eras que a humanidade presenciou desde os tempos pré-históricos preconizam o nosso modo de viver hoje, tanto em uma constante luta por desatrelarmo-nos de certos modos de pensar e viver quanto em relação à necessidade de resgatar parte desses modos de viver. O despertar da singularidade das crianças ocorre em meio às tecnologias que fazem o papel do humano: babás eletrônicas, televisão, celulares-*games-movies*, incontáveis brinquedos eletrônicos e outros. Nessa direção aponta-se a questão: como vamos conviver com tudo isso sem deixar de perder a essência das relações humanas? Como criar rizomas para alteridade e não para prevalência do *homo demens*?

Na perspectiva de Lévinas o encontro com o outro é promovedor de naturalidade, de pureza, pois exige abertura e desprendimento de si mesmo para aceitar o outro, mas isso se torna difícil às mentes fechadas em suas individualidades e intolerâncias. Historicamente, em muitos momentos a humanidade “devorou-se” sem perceber, com a exclusão social e a disseminação de ódio pelo diferente. Os genocídios são a prova mais viva de junção de iguais para massacrarem o diferente. Urge a necessidade de repensar o como fazemos educação nos espaços educacionais, dar aber-



tura às perspectivas pedagógicas suficientemente capazes de reconhecer o outro que chega nos espaços escolares para a construção de seus conceitos e de sua própria maneira de se relacionar.

#### 4 CRIANDO RIZOMAS PARA A ALTERIDADE EM TEMPOS DE CONTEMPORANEIDADE

A partir do momento em que o ser humano tomar consciência que a natureza e a vida humana suplicam por reflexões, compreensão e tomada de novas atitudes, especialmente para amparar os que a esse mundo chegam, as crianças, poder-se-á ter convivências relacionais verdadeiramente humanas, subsidiadas por ações generosas e respeitadas. Segundo Arendt (2014), *a vida ativa e a condição humana* são delimitadas por três atividades humanas fundamentais: trabalho, obra e ação. A condição humana do trabalho é a própria vida; a condição humana da obra é a mundanidade [*worldlines*]; a ação, única atividade que ocorre diretamente entre os homens, sem a mediação das coisas ou da matéria, corresponde à condição humana da pluralidade, ao fato de que os homens, e não o homem, vivem na terra e habitam o mundo. Assim, “A condição humana compreende mais que as condições sob as quais a vida foi dada ao homem.” (ARENDR, 2014, p. 11).

Seguindo essa linha de pensamento e interligando aos pensamentos filosóficos, compreende-se que a vida e o ser humano não podem ser condicionados de modo absoluto, mas permitem-nos a compreensão de que os atos e as ações com a vida são sublimes. Dessa forma, nossas ações nesse mundo necessitam ser repensadas com perspectivas à alteridade, que confere nossas condutas e ações de modo imanente, “[...] na medida em que têm a tarefa de prover e preservar o mundo para o constante influxo de recém-chegados que nascem no mundo como estranhos, além de prevê-los e levá-los em conta.” (ARENDR, 2014, p. 11).

Consoante o exposto, acolher o outro por nossas ações e pela linguagem é dar abertura ao direito subjetivo que tem cada ser. “As palavras são nós em redes de coordenações de ações que surgem na convivência. Por isso, mudar os significados das palavras implica mudar os domínios de ação, e mudar os domínios de ação implica mudar o modo de conviver. (MATURANA, 2001, p. 89).

Nesse sentido é necessário que haja um consenso em aceitar o outro, porque, parafraseando Maturana (1997), a relação com o outro implica a aceitação do outro, dispositivo gerador de alteridade, que do grego, como no latim, a palavra alteridade se constitui a partir de dois termos, *allos*, que é a alteridade genérica, e *heteros*, que é a alteridade como oposição entre dois, a heterogeneidade.

Configurada com a alteridade, Hermann (2010) escreve sobre os temas ética e estética, que marcam uma relação profunda quando adentramos em seu entendimento de forma racional. A autora traz apontamentos do surgimento da experiência da estética, à medida que ela se permeia em nossa vida enfatizando uma multiplicidade de dimensões do estranho, e a partir da relação de complementaridade entre estética e ética, redimensiona a abertura à alteridade.

A estética passa a ser interpretada, então, como uma crescente “desdiferenciação” (*Entdifferenzierung*) dos termos *aisthesis* e estética, na perspectiva de um novo conceito de razão, que incorpora o sensível. Estética e *aisthesis* podem ser reunidas justamente por não se tratar de uma teoria da arte, mas de uma racionalidade que incorpora também o conhecimento pela percepção sensível. (HERMANN, 2010, p. 125).

O termo estética no discurso contemporâneo está voltado às diferentes formas pelas quais a sensibilidade atua sobre nós. Na modernidade, a aparência ganha a prioridade das expectativas habituais, tornando-se sensível no que se refere à integralidade humana, a qual retrai-se da realidade, para ceder lugar à invenção de outras realidades. Tais circunstâncias abrem caminhos de novas experiências que “mexem” com o ser humano, pois é algo indeterminado, mas que ao mesmo tempo pode ser encarado como um processo formativo.

A ligação de estética e ética está na relação da estética com o mundo, que ultrapassa nossas expectativas racionais, na “estranheza” que causa, abrindo trecho para a alteridade; pelo estranhamento surge a oportunidade de diálogo, de dúvida, de pergunta e resposta, de compreensão. Alteridade é aproximar-se do outro, fazer gerar um processo de

formação, no qual se cria algo interior que modifica o próprio ser. No contato com o outro se deixa de ser aquilo que era antes, nesse processo, transforma-se, aceita-se, reconstrói-se.

Diante do exposto, adentramos em uma reflexão que conduz a uma conduta moral de nossos valores, com novas perspectivas, pois aprendemos a conviver com o diferente, ou seja, pessoas com opiniões e ações diferentes das nossas. O fato é tomar consciência das ações que desempenhamos no viver cotidiano, em que a possibilidade de a alteridade criar rizomas depende da aceitação de cada ser humano para desencadear um viver mais humano.

A imagem do rizoma serve para transmitir a idéia de que precisamos substituir, em nosso imaginário epistemológico, tudo o que remete a centros fixos, troncos dominantes, ramificações excessivamente delimitadas do saber, disciplinas auto-suficientes, significados fechados, certezas conclusivas. (ASSMANN, 1998, p. 81).

A condição de ser um ser humano está imbricada ao fato de, apesar da mudança na anatomia humana ocorrida com o passar dos tempos, sermos seres dependentes da convivência. Nesse entendimento, o mal-estar da pós-modernidade (crises existenciais, depressão, incertezas e doenças neurológicas) talvez tenha explicação ou origem na dicotomia que se estabeleceu entre o biológico e o espiritual. Esse mal-estar se origina em darmos mais razão ao racional e não controlarmos o emocional. Assim, cabe refletir: como equilibrar a condição humana? E quanto isso é penoso; os seres que desvendam o universo não são capazes de dominar suas emoções, seu próprio modo de agir. Na contemporaneidade se buscam alternativas para “nos salvar de nós mesmos”, cabendo perguntar: o que o humano fez do tempo? O que o tempo fez com o humano?

Sentimos e temos a necessidade do outro, pois é na transitividade da convivência que nos sentimos completos; é possível afirmar que conviver é algo indissociável do ser. Na relação entre mãe e filho pode-se notar a alteridade presente em ambos, já que o filho é dependente da mãe, que o aceita, sem discriminação alguma, simplesmente o aceita, sendo este um ato de aceitação, de amor. O ato de gerar um filho, amamentá-lo, protegê-lo, tem explicação que não seja convertida na palavra amor? E por que esse amor não se expande a todos os outros seres? “Não somos animais naturalmente solidários para além de um círculo bastante limitado de relacionamentos, no qual conseguimos perceber a relevância da sociabilidade para nossas próprias vidas.” (ASSMANN, 2000, p. 30). Eis, nas palavras do autor, algo pertinente à reflexão, a dinâmica de nos relacionarmos a partir de nossas necessidades nos cega diante do outro; usufruímos da sociabilidade para benefício próprio, e isso nos torna egocêntricos e egoístas. Na esteira desse pensamento, nota-se o conflito que o próprio humano cria, buscando manter o domínio um sobre o outro. A ambição humana é o que causa o mal-estar humano, faz parte da política social em que vivemos.

Desatrelarmo-nos do *demens* que nos guia para a competição é tarefa que exige uma autocompreensão de nós mesmos. Pôr-se em jogo com nossa capacidade mental, racional e emocional é arduamente exigente e complexo. Afinal, somos nós que construímos o mundo em que vivemos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse embasamento filosófico e metafísico nos lança à lógica dialógica, que nega uma síntese, verdade absoluta e permite a indagação mediante a reflexão e o diálogo, abrindo trecho em meio a tantos tempos vividos e vivos, no jeito como nos constituímos enquanto humanidade para uma abertura profunda a pensar a vida para permitir que a diversidade se constitua com alteridade.

A partir do momento em que o ser humano tomar consciência que a natureza e a vida humana suplicam por reflexões, compreensão e tomada de novas atitudes, especialmente para amparar os que a esse mundo chegam, as crianças, poder-se-á ter convivências relacionais verdadeiramente humanas, subsidiadas por ações generosas e respeitadas, partindo do pressuposto de que existe a necessidade de novas condutas e perspectivas diante do eu e você para que se possa validar o nós como alteridade.

Convém profunda reflexão individual para que seja possível a construção de novas faces de relacionamentos. Para tanto, o diálogo torna-se primordial, assim como estudos, reflexões e ações.



O contexto contemporâneo em que estamos nos convoca a mudanças de atitudes, para que não sejamos os destruidores do próprio mundo, pois se não somos capazes de nos relacionar humanamente, como podemos viver neste mundo? Somente a compreensão do ser humano que somos pode nos libertar das “prisões de nossa mente”, sermos inatuais e capazes de, a partir da dúvida, ousar, renovar e permitir espaço à diversidade.

### ***Human relations: rhizomes for otherness in context of contemporaneity***

#### *Abstract*

*In this article it was aimed to weave reflections on human and intertwined relationships that are established throughout its existence. At first, there is the relevance of the question what makes us human? To understand this question we sought to find authors such as Maturana (2001), Maturana and Varela (1997), Assmann (2000), Capra (2008) and Strieder (2004). Secondly it is a ransom of human history, that when be was / is imbued with a certain way of understanding life. The reflections are guided in Morin (2007), Capra (2008), Descartes (2002), Nietzsche (1985, 2013) and Lévinas (2004). The production still constitutes a reflection on the possibility of creating rhizomes for otherness in contemporary times. Specifically in the field of education, the article refers to the human way of life through aesthetic experience from the perspective of otherness. Analyses are from Arendt (2014), Hermann (2010) and Assmann (2000) Bibliographically bolster this thought.*

*Keywords: Human relationships. Language. Otherness. Education. Contemporaneity.*

#### **Nota explicativa:**

<sup>1</sup> Termo utilizado por Maturana (2001) ao se referir à rede de coordenações comportamentais consensuais criada pelos humanos, o que conduz a inúmeras maneiras de comunicabilidade que ultrapassam a linguagem.

#### **REFERÊNCIAS**

ARENDDT, H. **A condição humana**. 12. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

ASSMANN, H.; MO SUN, Y. **Competência e sensibilidade solidária**: educar para a esperança. Petrópolis: Vozes, 2000.

ASSMANN, H. **Reencantar a educação**: rumo à sociedade aprendente. Petrópolis: Vozes, 1998.

CAPRA, F. **A teia da vida**: uma compreensão científica dos sistemas vivos. Tradução Newton R. Eicheberg. São Paulo: Cultrix, 2008.

DESCARTES, R. **Discurso do método**: para bem conduzir a própria razão e procurar a verdade nas ciências. Tradução Thereza Christina Stummer. São Paulo: Paulus, 2002.

HERMANN, N. **Autocriação e horizonte comum**: ensaios sobre educação ético-estética. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.

LÉVINAS, E. **Entre nós**: ensaios sobre alteridade. 4. ed. Tradução Pergentino Stefano Pivatto (Coord.). Petrópolis: Vozes, 2004.

MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Campos Fortes: Ed. UFMG, 2001.

MATURANA, H.; VARELA, F. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas do entendimento humano. Tradução Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2002.

MATURANA, H.; VARELA, F. **De máquinas e seres vivos**: autopoiese a organização do vivo. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MORIN, E. **O método 5**: a humanidade da humanidade: a identidade humana. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

NIETZSCHE, F. W. **A genealogia da moral**. Tradução Antonio Carlos Braga. São Paulo: Alasca, 2013.

NIETZSCHE, F. W. **Assim falava Zaratustra**. Tradução Eduardo Nunes Fonseca. São Paulo: Hemus, 1985.

STRIEDER, R. **Educar para a iniciativa e a solidariedade**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004.